

Notas Sobre Signos, Poder e Linguagem

Alroino B. Eble ()*

Trata-se aqui de resumir algumas idéias relevantes para a consideração do código que está presente na constituição das palavras, mas que, ao que parece, não são levadas em conta pela lingüística tradicional. Trata-se de algumas citações que podemos registrar a partir de algumas obras atuais. Por exemplo, Michel Foucault (1973:62), diz que: "A linguagem passa a ter por natureza primeira, o ser escrita. Os sons da voz constituem apenas uma transitória e precária tradução dela. O que Deus depôs no Mundo são palavras escritas; Adão, quando impôs os seus primeiros nomes aos animais, não fez mais do que ler essas marcas visíveis e silenciosas; a lei foi confinada às Tábuas, não à memória dos homens; e a verdadeira Palavra está num livro que é mister encontrar. Tanto Vigenère como Duret diziam — e em termos quase idênticos — que o escrito precedera o falado, na natureza, evidentemente, mas talvez até mesmo no saber dos homens. Porque era muito possível que antes de Babel, antes do Dilúvio, tivesse havido uma escrita composta das próprias marcas da natureza, de tal modo que esses caracteres tivessem tido o poder de atuar diretamente sobre as coisas, de as atrair ou de as repelir, de figurar as suas propriedades, as suas virtudes e os seus segredos. Escrita primitivamente natural, de que talvez certos saberes esotéricos, e a cabala em primeiro lugar, conservaram a memória dispersa na tentativa de se assenhorearem dos poderes havia muito adormecidos. O esoterismo, no século XVI, é um fenômeno de escrita, não de palavra. Em todo caso, esta é despojada dos seus poderes; segundo dizem Vigenère e Duret, é apenas a parte feminina da linguagem, como que o seu intelecto passivo; a escrita, por sua vez, é o intelecto agente, o "princípio masculino" da linguagem. Só ela é verdadeira.

"Esta primazia da escrita explicita a presença gêmea de duas formas que são indissociáveis no saber do século XVI, apesar da sua oposição aparente. Trata-se, em primeiro lugar, da não distinção entre o que se vê e o que se lê, entre o observado e o relatado, portanto da constituição de uma superfície única e lisa em que o olhar e a linguagem se entrecruzam até ao

(*) Professor do Departamento de Ciências Sociais, da UFSC.

infinito: e trata-se também, ao invés, da dissociação imediata de toda a linguagem que desdobre, sem que seja possível fixar-lhe um termo, a infundável iteração do comentário.” Realidade figurativa, diria Francastel (1973).

Ora, então vejamos também o que dizem a esse respeito Deleuze e Guattari (1976:262): “Mas já se demonstrou como subsistem duas dimensões em Saussure, uma horizontal onde o significado se reduz ao valor dos termos mínimos coexistentes, nos quais o significante se decompõe, mas outra, vertical, em que o significado se eleva ao conceito correspondente à imagem acústica, isto é, à voz tomada no máximo da sua extensão que recompõe o significante (o ‘valor’ como contrapartida da imagem acústica). Em resumo, o significante aparece duas vezes, uma vez na cadeia dos elementos, em relação aos quais o significado é sempre um significante para outro significante, e uma segunda vez no objeto separado de que depende o conjunto da cadeia e que espalha sobre ela os efeitos de significação. Não há código fonológico ou mesmo fonético operando sobre o significante no primeiro sentido, sem uma sobrecodificação operada pelo próprio significante no segundo sentido. Não há campo lingüístico sem relações bi-unívocas entre valores ideográficos e fonéticos, ou, então, entre articulações de níveis diferentes, monemas e fonemas, que asseguram finalmente a independência e a linearidade dos signos desterritorializados; mas esse campo permanece definido por uma transcendência, até quando ela é considerada como ausência ou lugar vazio, operando as dobraduras, os rebatimentos e subordinações necessárias, e donde escorre em todo o sistema o fluxo inarticulado no qual ela talha, opõe, seleciona e combina: o significante. (...) Creio que a presença dos acadianos determinou a fonetização da escrita (...)”

Marilena Chauí (1981:24) assume a “vocalização tardia dos textos escritos”. Já no prefácio, Marilena Chauí afirma que para Espinosa, Voltaire e Merleau-Ponty “a visão é mais importante do que a audição, a harmonia ou desarmonia sonora, *mesmo nas análises da linguagem!*”.

Assim, vemo-nos forçados a repensar os problemas da linguagem ocidental. Na sua base mais fundamental, a lingüística nos sugere que nos preocupemos com os sons. O que parece que não corresponde com um método revelador diante da crítica epistemológica que pudemos ver acima. Então, a lingüística saussureana não passa de mais um recurso ideológico que nos faz desviar do objeto verdadeiro para que permane-

çamos para sempre perdidos e sem solução para os problemas da linguagem? Ao que nos parece, não cabe tanto uma fonologia, mas uma semiologia dos signos escritos, dos signos alfabéticos ordenados pela escritura linear. E aí cabe ainda uma Antropologia de nossa própria cultura ocidental que metaforiza, na linguagem, toda a representação de mundo constituída já nos primórdios da cultura hebraica. Espinosa diz no prefácio do *Teológico-Político*, “o que reis e povos não conseguiram a ferro e fogo, os eclesiásticos obtiveram pelo simples poder da escrita”. (CHAUÍ, 1981:64).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo* (Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty). São Paulo, Brasiliense, 1981.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa, Martins Fontes, 1966.
- FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. São Paulo, Perspectiva, 1973.